

Cartas sobre a mesa: a correlação de forças, as negociações de paz e o futuro da guerra na Ucrânia

Cards on the table: The Balance of Forces, Peace Negotiations, and the Future of the War in Ukraine

Rev. Bras. Est. Def. v. 13, e026010, 2026, p. 1–26
ISSN 2358-3932

MAURÍCIO THUROW LEVIEN

INTRODUÇÃO

Após quatro anos de intensos embates militares entre Rússia e Ucrânia, com ambos os atores demonstrando limites nas suas capacidades de atingir seus objetivos estratégicos, postula-se cenários sobre um possível final da guerra. A Rússia manteve a iniciativa em 2025 e obteve avanços crescentes, mas custosos, em nível tático e operacional. Porém, se mostra incapaz de produzir ganhos estratégicos. Ou seja, apesar da superioridade militar quantitativa frente à Ucrânia, especialmente nas três balanças de força mais relevantes para uma guerra de atrito — balança de capital humano, artilharia e poder aéreo —, não aparenta ser factível uma vitória decisiva no campo de batalha em 2026. Não se prospecta um colapso iminente das forças armadas ucranianas, que apesar de desgastadas, ainda mantêm capacidades defensivas eficientes, especialmente no território restante de Donetsk, que corresponde ao principal objetivo territorial da Rússia (Bergmann e Snegovaya 2025; Institute for the Study of War 2025b).

Do ponto de vista ucraniano, a situação é mais desfavorável. As evidências do campo de batalha, como a balança de forças e os resultados negativos da contraofensiva ucraniana de 2023 ou da operação em Kursk de 2024, indicam que Kiev não possui condições de atingir seu objetivo de retomar militarmente as regiões ocupadas (Gady e Kofman 2024; Terajima 2025b). Ademais, a posição política do país está enfraquecida, especialmente devido ao desinteresse de Donald Trump de continuar engajado na ajuda à Ucrânia e do recente desalinhamento na relação transatlântica. No

Maurício Thurow Levien é mestre em Estudos Estratégicos Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente, está cursando o último ano do doutorado em Estudos Estratégicos Internacionais pela UFRGS. [Orcid.org/0009-0003-1646-8425](https://orcid.org/0009-0003-1646-8425). E-mail: mauriciolevien96@gmail.com.

entanto, Kiev ainda resiste em realizar concessões substanciais nas negociações, argumentando sobre a justiça da causa ucraniana perante o direito internacional em face a uma guerra de agressão não provocada, e que concessões à Rússia emulariam estratégias fracassadas de apaziguamento, como no caso do contexto europeu prévio à Segunda Guerra Mundial.

Tendo em vista tal cenário, propõe-se a realização de uma análise de conjuntura, balizada em um recorte temporal de curto prazo, problematizando o contexto do conflito desde 2022 e possíveis desdobramentos para 2026 e 2027. Objetiva-se responder à seguinte pergunta: qual é o prognóstico de curto prazo com relação à finalização da guerra na Ucrânia, tendo em vista a correlação de forças entre os atores beligerantes, seus objetivos estratégicos e o contexto vigente de negociações de paz? Metodologicamente, a coleta e sistematização dos dados foram realizadas por meio de pesquisa bibliográfica e documental, com base em fontes primárias e secundárias.

Como hipótese, propõe-se que a Rússia possui proeminência na balança de poder em relação à Ucrânia no contexto atual e maiores capacidades para sustentar as demandas do conflito no longo prazo. Compreendendo a guerra como um meio para atingir determinados fins políticos, argumenta-se que a posição de vantagem russa implica na improbabilidade de assinatura de um cessar-fogo ou na formatação de um acordo de paz duradouro em 2026. Devido ao fato de ainda não ter conseguido atingir seus objetivos estratégicos, mas entender que possui as condições militares necessárias e um contexto estratégico favorável para alcançá-los, Putin tem incentivos para prosseguir no curso de ação atual, a não ser que Kiev acate concessões territoriais substanciais, o que não aparenta ser factível no curto prazo, analisando-se o prognóstico das negociações.

A primeira seção do artigo explora a balança de poder entre os beligerantes no âmbito de uma guerra de atrito de alta intensidade e longa duração, e como tal conjuntura impacta nas possibilidades de concretização dos objetivos estratégicos de cada ator. A segunda seção discorre sobre as negociações de paz, salientando a relevância da mudança de postura dos Estados Unidos (EUA) sob Trump, e discutindo como as posições maximalistas e inversamente proporcionais de Rússia e Ucrânia dificultam as tratativas para uma resolução política pela via diplomática.

A TEORIA RUSSA DA VITÓRIA: SEGURANÇA *VERSUS* PROSPERIDADE E SUPERIORIDADE MILITAR QUANTITATIVA

A tomada de decisão da Rússia de iniciar uma guerra de larga escala contra a Ucrânia em 2022 é tema de um amplo debate na literatura de Relações Internacionais. Tal perspectiva é relevante pois condiciona os ob-

jetivos, a motivação, a necessidade de extração de recursos e a capacidade de arcar com custos por parte de Moscou. Diferentes correntes teóricas oferecem explicações contrastantes. A linha de argumentação realista é dominante, frisando o impacto material do dilema de segurança, e caracterizando o processo de expansão da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) para a Ucrânia como o catalisador dos problemas securitários regionais (Götz e Ekman 2024; Mearsheimer 2022). A visão liberal ressalta a centralidade de aspectos em nível doméstico, como as ambições imperiais da personalidade de Putin (Melvin 2022), ou temores sobre como a democratização e a aproximação da Ucrânia com o Ocidente poderiam reverberar na política interna russa (Person e Mcfaul 2022). E a literatura construtivista reitera o impacto de nuances identitárias e a relação histórica entre os países e suas populações (Mielniczuk 2006). Para os fins do presente artigo, entende-se que os argumentos realistas, ressaltando preocupações securitárias e o contexto geopolítico regional, são mais convincentes para explicar o *timing*, a estratégia militar e o nível de engajamento da Rússia, com o cálculo russo sendo subjugar a Ucrânia e consolidar sua proeminência estratégica no que considera sua esfera de influência.

A justificativa de Putin para o estabelecimento do que chama de “Operação Militar Especial”¹ e suas demandas para finalizar o confronto referem-se à necessidade de retificação do que Moscou caracteriza como as “causas profundas” dos problemas securitários regionais (TASS 2025). Tal terminologia refere-se ao entendimento russo de que o processo histórico de desenvolvimento da arquitetura de segurança da Europa no pós-Guerra Fria foi feito de uma maneira que não levou em consideração os seus interesses securitários, com ênfase na progressiva expansão da OTAN a leste, englobando países que faziam parte da União Soviética e do Pacto de Varsóvia e postulando a adesão de Ucrânia e Geórgia. Apesar da legitimidade do interesse de adesão de tais países à OTAN, caracterizada como uma decisão autônoma e soberana de escolha de suas alianças militares, e a despeito de argumentos de que se trata de uma instituição de caráter defensivo que não usa de meios coercitivos para angariar novos membros, a Rússia insiste que é necessário atentar à influência do dilema de segurança, reiterando que a segurança de alguns não pode ser garantida às custas de outros.

Tal compreensão é exposta em um telegrama diplomático enviado em 2008 por William Burns, servindo como embaixador dos EUA em Moscou, intitulado “Não significa não: as linhas vermelhas da Rússia sobre a expansão da OTAN”. Burns afirmou que a expansão da OTAN para a Ucrânia seria vista, sob a perspectiva estratégica, como uma potencial ameaça militar, mas que considerações políticas e econômicas também eram centrais, como ressalvas acerca de um impacto significativo sobre a indústria de defesa

russa, conexões familiares e as relações bilaterais em geral (United States Department of State 2008). Ademais, Burns reforçou que tal concepção era senso comum na política interna e entre as elites decisórias russas, informando que, tanto os apoiadores de Putin quanto seus críticos liberais, concordavam que a adesão da Ucrânia à OTAN representava um desafio direto aos interesses russos (Mearsheimer 2022, 18–9). A análise de documentos oficiais, como as Estratégias de Segurança Nacional ou os Conceitos de Política Externa da Federação Russa, reforçam tal perspectiva. Desde o Conceito de Segurança Nacional da Federação Russa, de 2000 em diante, tal ponto é sempre enfatizado como uma preocupação central (President of the Russian Federation 2000).

Do ponto de vista da Ucrânia, a adesão à OTAN não representava simplesmente uma resposta a ações coercitivas de Moscou. Inclusive, os objetivos iniciais ucranianos (expostos no Plano de Ação OTAN-Ucrânia de 2002 e no Plano de Ação para a Adesão à OTAN de 2008) focavam majoritariamente em aspectos políticos e econômicos, como consolidação democrática e institucional, reforma jurídica e integração euro-atlântica (North Atlantic Treaty Organization 2002). Vale lembrar que, entre 1991 e 2013, a Ucrânia equilibrou duas orientações de política externa distintas: uma que enfatizava a integração europeia e outra que focava na cooperação com a Rússia (Shyrokykh 2018). Após 2014, porém, tal ênfase mudou para uma argumentação focada no âmbito securitário, postulando na parceria com a OTAN a melhor forma da Ucrânia assegurar dissuasão e garantias de não agressão futura frente à Rússia. Sob o governo Zelensky, tal noção ganhou mais proeminência, com uma emenda constitucional em 2019 e a Estratégia de Segurança Nacional de 2020, postulando que Kiev compreendia, na adesão à OTAN, um objetivo estratégico primordial para preservar sua segurança. Considera-se que tal perspectiva impactou diretamente para o *timing* da invasão russa em fevereiro de 2022, tendo em vista também a eleição do presidente Biden nos EUA, um apoiador de longa data da política de portas-abertas da OTAN e das aspirações euro-atlânticas ucranianas (President of Ukraine 2021).

Tal contextualização informa sobre a diferença fundamental de visão teórica que balizava a compreensão sobre a expansão da OTAN. Por um lado, os defensores do alargamento citavam argumentos liberais, como a teoria da paz democrática e a teoria liberal institucionalista, com preocupações securitárias em segundo plano. Putin, inclusive, menciona este ponto em seu discurso na Conferência de Segurança de Munique de 2007, afirmando que a expansão da OTAN a leste não era justificada por ameaças de segurança contemporâneas (Putin 2007). Do ponto de vista da Rússia, em contraste, tal cenário era avaliado por uma visão teórica realista, enfati-

zando a disruptividade na balança de poder europeia contra seus interesses estratégicos e a influência do dilema de segurança em seu entorno regional (especialmente devido a capacidades militares da aliança na sua fronteira com a Ucrânia). Tal discordância teórica ajuda a compreender a incapacidade de entendimento entre as partes, e a visão russa contextualiza sua posterior escolha de estratégia e do nível de engajamento militar, com o país disposto a arcar com altos custos para impedir tal cenário, privilegiando a segurança de longo prazo à prosperidade de curto prazo (Götz e Ekman 2024; Mearsheimer 2014, 5).

Analisando a conjuntura atual, Putin aparenta ter tido sucesso parcial neste propósito. Apesar de participar das cúpulas anuais desde 2022, a Ucrânia se vê distante da possibilidade de adesão à OTAN. Reiteradas negativas da administração Trump e discordâncias sobre garantias de segurança a Kiev contribuem para a possibilidade de que tal demanda de Moscou seja concretizada. Não obstante, é importante enfatizar o apoio material que a instituição e seus membros ofereceram a Kiev durante o conflito, que incrementou as capacidades ucranianas quantitativamente e qualitativamente, e condicionou a OTAN como um participante ativo da guerra. Os EUA proveram o veículo de combate de infantaria Bradley, o tanque M1 Abrams, o sistema lançador múltiplo de foguetes Himars, o míssil balístico tático supersônico ATACMS, o sistema de mísseis interceptores móveis superfície-ar MIM-104 Patriot, e sistemas portáteis antitanque (Javelin) e antiaéreos (Stinger). Países europeus forneceram ativos como os tanques Leopard 2 e Challenger 2, os mísseis de cruzeiro de longo alcance Storm Shadow e Scalp-EG, o obuseiro autopropulsado Caesar de 155 mm, e o sistema de defesa aérea IRIS-T (Mills 2025). A Força Aérea da Ucrânia também melhorou significativamente, com acordos para recebimento de 85 caças F-16 de quatro países europeus — Holanda (24), Dinamarca (19), Noruega (12) e Bélgica (30) —, e acordos de intenção com França e Suécia para recebimento gradativo de até 100 jatos Rafale e até 150 jatos Gripen, respectivamente (Newdick e Altman 2025). Vale ressaltar, ainda, o apoio logístico e tecnológico oferecido à Ucrânia, por ativos da OTAN, de Inteligência, Vigilância, Aquisição de Alvos e Reconhecimento, como voos de reconhecimento e satélites para guiação de mísseis de precisão.

O segundo objetivo russo é territorial e de caráter geopolítico. Moscou demanda a soberania da Crimeia, a qual dominou em 2014, do Donbas (que corresponde às regiões de Donetsk e Luhansk), e a manutenção dos territórios parcialmente ocupados em outros *oblasts* desde 2022. De acordo com um comentário em 30 de agosto de 2025 do chefe do Estado-Maior da Rússia, Valery Gerasimov, tropas russas controlam em torno de 99,7%

de Luhansk, 79% de Donetsk, 76% de Kherson e 74% de Zaporizhzhia (Institute for the Study of War 2025a).

Nesse sentido, vale uma breve contextualização histórica sobre os principais momentos do conflito no tocante à perspectiva territorial. A estratégia russa inicial, de um ataque decapitante e decisivo, falhou devido a problemas logísticos, de planejamento e devido a sucessos defensivos ucranianos, como a defesa do aeroporto de Hostomel frente à tentativa de uma operação aerotransportada para sobrecarregar as defesas de Kiev (Collins, Kofman e Spencer 2023). O decorrer de 2022 foi de entendimento por parte de ambos os atores sobre uma mudança de conjuntura, com o conflito passando de uma operação militar de caráter limitado para uma conflagração de longo prazo e alta intensidade. O avanço rápido e disperso das tropas russas demonstrou-se insustentável, com um posterior recuo estratégico destas e contra-ataques bem-sucedidos da Ucrânia, resultando na retomada de grandes porções de território ao norte (especialmente nos *oblasts* de Sumy e Kharkiv) e em partes de Kherson. Respondendo aos desafios do campo de batalha, a Rússia delimitou uma mobilização parcial (recrutando 300 mil soldados) e preparou uma linha de fortificações sólida, chamada linha Surovikin, para proteger a ponte terrestre entre a Crimeia e o território continental russo, e foi bem-sucedida em se defender da contraofensiva ucraniana de 2023. Em 2024, a Rússia retomou a iniciativa, e a partir da captura de Avdiivka, cidade fortaleza em Donetsk, angariou avanços subsequentes em Vuhledar e Velyka Novosilka. Em agosto de 2024, entretanto, a Ucrânia realizou uma incursão ao território russo, no *oblast* de Kursk, objetivando aliviar a pressão sobre Donetsk e Kharkiv e incrementar seu poder de barganha negocial (Terajima 2025b).

Em 2025, tropas russas mantiveram a iniciativa e capturaram cidades estratégicas em Donetsk, como Chasiv Yar, Toretsk, Pokrovsk, Myrnohrad e Siversk, que representavam importantes posições defensivas (devido à elevação geográfica ou a serem eixos logísticos) e que demandaram dois anos de combate e muito capital humano e material. Ademais, Moscou retomou o controle de Kursk, com o apoio de forças da Coreia do Norte. O foco atual das tropas russas é em Lyman e Kostiantynivka, cuja captura abriria caminho para avanços posteriores em direção à Kramatorsk e Sloviansk, cidades que compõem o chamado “cinturão da fortaleza” em Donetsk, sendo importantes centros logísticos e industriais, e que antes da guerra possuíam uma população somada de cerca de 380 mil pessoas. Diferentemente de Avdiivka, todavia, a retaguarda de Pokrovsk e os arredores do cinturão da fortaleza foram preparados de antemão para conter avanços subsequentes, com fortificações e posições defensivas bem estruturadas. Infere-se, portanto, que a captura total de Donetsk pela via mili-

tar será uma operação custosa e complexa. Avanços russos significativos ocorreram também nos *oblasts* de Zaporizhzhia (principalmente no eixo de Huliaipole, onde posteriormente a Ucrânia realizou contra-ataques eficientes), e Kharkiv (especialmente em Kupyansk e Vovchansk), indicando o potencial de alargamento das demandas territoriais russas e criações de zonas-tampão com o decorrer das hostilidades (Institute for the Study of War 2025c).

Após o colapso da estratégia inicial da Rússia de um avanço rápido e decisivo (condizente com a guerra de manobra), o conflito na Ucrânia se caracterizou como uma guerra de atrito. Tal conceito se refere a uma conflagração de longa duração e alta intensidade, cujo objetivo dos beligerantes é degradar de forma sustentada e cumulativa as capacidades do adversário de manutenção do esforço de guerra, tais como: mão de obra, equipamentos, logística, base industrial, moral, vontade política e sustentabilidade econômica (Fox 2024; Gady e Kofman 2024; Jones e McCabe 2026).

Taticamente, grandes assaltos mecanizados frontais e lutas prolongadas dentro de cidades foram majoritariamente substituídos por operações de menor escopo e intensidade, mas abrangendo maior área na linha de frente, visando a prejudicar a logística e encontrar pontos fracos nas linhas defensivas adversárias. Operações de infiltração e sabotagem em perímetros urbanos e a tentativa de degradação gradual das linhas de suprimentos que mantêm as posições defensivas viáveis são priorizadas, com a estrutura de força para tais ações sendo majoritariamente composta por pequenas unidades de infantaria leve. Dois resultados operacionais relevantes decorreram de tais mudanças: primeiro, consolidou-se uma zona de contato altamente contestada e de difícil controle, contribuindo para o caráter posicional do conflito; e, segundo, constata-se uma das principais razões para a lentidão dos avanços territoriais, pois, embora tais unidades consigam reduzir a exposição à vigilância de drones e realizar incursões nas linhas defensivas adversárias, não possuem força necessária para consolidar e defender tais posições. Do ponto de vista defensivo, evidencia-se uma combinação entre estratégias de defesa posicional e defesa em profundidade, com fortificações dispersas e reforçadas em camadas, visando a maximizar o atrito sobre as forças atacantes, mas ao mesmo tempo garantindo flexibilidade e elasticidade para a realização de recuos estratégicos ou contra-ataques localizados. Nesse contexto, a Ucrânia priorizou estratégias assimétricas, com ênfase no uso de drones e na imposição de uma razão de troca de perdas humanas e materiais de difícil sustentação. A Rússia, por sua vez, alavancou suas capacidades de escala para se posicionar favoravelmente no nível estratégico para uma disputa de resistência, ancorada na capacidade industrial e em su-

perioridade relativa na balança de forças em três vetores centrais para uma guerra de atrito: capital humano, artilharia e poder aéreo (Gady e Kofman 2024; Jones e McCabe 2026).

A primeira balança se refere à comparação entre os beligerantes quanto à capacidade de extração de recursos humanos de suas sociedades. Após a mobilização parcial de 300 mil recrutas em setembro de 2022, a Rússia optou por uma estratégia focada em incentivos econômicos (salários acima do padrão e bônus de recrutamento) ao invés de ações coercitivas de conscrição geral, que são impopulares e custosas politicamente, e tem sido bem-sucedida em angariar um fluxo constante de aproximadamente 30 mil soldados recrutados por mês, majoritariamente de zonas rurais e mais pobres (Cavoli 2025). A partir de tal método, o exército russo tem conseguido se reconstituir das enormes perdas sofridas no campo de batalha e manter a iniciativa. Ademais, Putin assinou um decreto em setembro de 2024 que objetiva a expansão do exército russo para 1,5 milhão de militares da ativa, ficando atrás apenas da China quantitativamente. Para avançar tal meta, foi realizada em 2025 uma campanha de recrutamento que alcançou 160 mil homens de idades entre 18 e 30 anos (Bergmann e Snegovaya 2025). Segundo o porta-voz da inteligência militar ucraniana, Andrii Yusov, a Rússia praticamente quintuplicou sua presença militar no país desde 2022, com quase 700 mil militares destacados em território ucraniano em setembro de 2025 (Fornusek 2025).

A Ucrânia, por sua vez, sofre com um cenário de escassez endêmica de mão de obra, com o baixo interesse de participação popular e com o dilema sobre diminuir a idade mínima de conscrição forçada (Terajima 2025a). Outrossim, a óbvia distância entre o número populacional de Rússia e Ucrânia impacta de forma substancial. Pesquisas de opinião pública evidenciam o desgaste da população ucraniana. De acordo com dados da empresa de consultoria americana Gallup, o apoio para a continuidade da guerra chegou ao patamar mínimo no quarto ano do conflito, com evidências de declínio sustentado em diferentes regiões e grupos demográficos. Segundo um levantamento realizado em julho de 2025, 69% dos entrevistados apoiavam um fim negocial o mais rápido possível, enquanto 24% defendiam a continuidade da conflagração até a vitória. O contraste com pesquisas anteriores referenda a variação gradativa da opinião pública ucraniana referente ao desinteresse pela noção de luta até a vitória (73% em 2022, 63% em 2023, e 36% em 2024), e da crescente inclinação por uma solução diplomática (22% em 2022, 27% em 2023, e 52% em 2024) (Vigers 2025).

Um aspecto que exemplifica tal desgaste é a variação crescente em casos de deserção e ausência sem justificativa, impactando moral e materialmente na capacidade ucraniana de montar uma estrutura da defesa coesa.

De acordo com um levantamento do grupo de pesquisa Frontelligence Insight, entre janeiro de 2022 e setembro de 2024, o Departamento Estadual de Investigação da Ucrânia contabilizou 29.521 casos de deserção e 59.606 casos de ausência sem justificativa. Em uma nova verificação, em setembro de 2025, tais números haviam aumentado significativamente, chegando a 53.954 casos de deserção e 235.646 de ausência sem justificativa. Levando em conta e corrigindo algumas distorções metodológicas, a análise da Frontelligence Insight estima que em torno de 150 mil ausentes sem justificativa foram contabilizados apenas nos doze meses subsequentes a setembro de 2024, evidenciando a tendência de agravamento do problema de recursos humanos ucraniano (Frontelligence Insight 2025).

No que se refere à segunda balança, destaca-se que o papel da artilharia é historicamente essencial em uma guerra de atrito (rotulada por Stalin como “Deus da Guerra”), sendo um ativo crucial tanto para operações ofensivas como defensivas e como um instrumento de pressão psicológica. Do ponto de vista defensivo, é utilizada para interromper avanços inimigos, neutralizando alvos ou como contra artilharia. Do ponto de vista ofensivo, barragens de artilharia são usadas para enfraquecer posições fortificadas e para criar janelas de oportunidade para operações combinadas com veículos blindados por meio de supressão. Segundo um relatório do Council of Foreign Relations de abril de 2024, a artilharia teria causado cerca de 80% das baixas de ambos os lados até aquele momento (Boot 2024). A Rússia manteve superioridade relativa nesta balança durante praticamente todo o conflito, com sua vantagem variando de acordo com a gravidade da escassez de projéteis e lançadores da Ucrânia, e demonstrou evolução na eficiência de sua contrabateria, de um modelo soviético focado em fogo em massa para um mais dinâmico e preciso (Cranny-Evans 2025; Haynes 2024).

A terceira balança, relacionada ao poder aéreo, é novamente favorável à Rússia. Mesmo sem o protagonismo imaginado, tendo em vista que não conseguiu consolidar superioridade aérea em nenhum momento, a aviação russa tem causado danos extensos à Ucrânia, com ênfase em ataques a posições fortificadas e à infraestrutura energética. A força aérea russa acumulou quatro anos de experiência de combate contra um significativo sistema integrado de defesa aérea, e demonstrou aprimoramento na penetração deste no decorrer do conflito, utilizando de saturação com drones unidirecionais e salvos concentradas de mísseis diversos, equipados com contramedidas eletrônicas e com capacidade de manobras terminais aprimoradas (Bronk 2026). Crucial para a maior efetividade de tal força foi a utilização de bombas planadoras, que são adaptações de explosivos não guiados, disponíveis em grandes quantidades por conta

do estoque soviético, por meio de um kit de conversão para controle e guiagem em voo via satélite e com asas, chamado de Módulo Unificado de Planejamento e Correção, aumentando seu alcance e precisão. No decorrer de 2025, a Rússia incrementou seus ataques à infraestrutura energética da Ucrânia substancialmente, degradando de forma sustentada e cumulativa usinas termelétricas, hidrelétricas, plantas de processamento de gás, subestações e redes de transmissão (Rochan Consulting 2026). Do ponto de vista de Kiev, apesar de receber caças de seus parceiros Ocidentais, o escopo de atuação de seu poder aéreo é restrito, com ênfase em operações de suporte aéreo localizado ou em missões defensivas de destruição de mísseis ou drones.

Além desses três pontos, é imperativo discorrer sobre a disruptividade dos drones. Apesar de já utilizados com eficiência em conflitos anteriores, como entre Armênia e Azerbaijão em Nagorno-Karabakh, a Guerra na Ucrânia simbolizou um ponto de inflexão com relação a essa tecnologia, com tais equipamentos sendo usados tanto na análise do teatro de operações (Inteligência, Vigilância, Aquisição de Alvos e Reconhecimento), quanto como armamentos de negação de área e acesso. Os drones constituem o principal ativo de defesa e ataque dentro da área de engajamento tática, intitulada de “zona de abate”, a cerca de 20 a 25km da linha de frente. Ao mesmo tempo, foram gradativamente adaptados para uso em nível operacional, em alcances de 30 a 120 km da linha de contato, com o objetivo de desestabilizar a retaguarda adversária (logística, suprimento e rotação de tropas) (Jones e McCabe 2026).

Durante a maior parte do conflito, a Ucrânia manteve primazia com relação à utilização de drones, demonstrando engenhosidade em seu emprego e angariando um ótimo valor de custo e benefício. No decorrer de 2024 e 2025, porém, a Rússia logrou sucesso em equilibrar a zona de engajamento tática de drones e, conseqüentemente, a balança de baixas e de custos materiais de ofensivas. Duas razões foram essenciais para tal adaptação: a criação da Força de Sistemas Não Tripulados, um ramo especializado para supervisionar a produção, operação e treinamento de regimentos, batalhões e divisões especiais (como a *Rubicon*); e a implementação inovadora de drones de fibra ótica (Kirichenko 2025). Todavia, Kiev ainda mantém superioridade de produção e utilização de drones, por estar majoritariamente na defensiva.

Apesar de tamanhas dificuldades, a estratégia de defesa da Ucrânia mantém-se eficiente em diversos pontos. O simples fato de não permitir uma vitória militar estratégica da Rússia é notável. No tocante à guerra assimétrica, Kiev demonstra competências disruptivas. Desde 2022, atacou eficientemente a Marinha russa, limitando seu impacto e inclusive de-

mandando a realocação de ativos navais russos da base de Sevastopol, na Crimeia, para o porto de Novorossiysk. Ataques a infraestruturas energéticas, como refinarias e instalações de armazenamento de petróleo e gás, causam danos relevantes para a operação de um setor econômico vital para Moscou. E vale citar também operações especiais, como a Teia de Aranha, que objetivou deteriorar a aviação de longo alcance russa, por meio de um engenhoso ataque de drones a duas bases aéreas (Olenya e Belaya), destruindo em torno de 14 bombardeiros estratégicos, que são parte da tríade nuclear da Rússia (Adams e Lukiv 2025). Um ponto interessante de tais estratégias é o paulatino emprego de meios próprios ucranianos, como drones aquáticos e o míssil de cruzeiro Flamingo.

De modo a conseguir manter a primazia nos âmbitos destacados, a Rússia teve de incrementar a capacidade de seu complexo industrial militar, abrindo novas fábricas, expandindo instalações existentes, convertendo linhas de produção comerciais para fins militares e aumentando salários nas cadeias produtivas de tal setor. Os gastos militares da Rússia vêm aumentando ano após ano, chegando ao patamar de US\$ 149 bilhões em 2024 — representando cerca de 7,1% do PIB russo e 19% dos gastos governamentais — e estimado em US\$ 160 bilhões para 2025 (Cooper 2025). Seguindo uma interpretação ajustada por paridade de poder de compra (PPC) do relatório *Military Balance 2025*, que considera os menores custos domésticos de insumos e a predominância da produção nacional, o valor efetivo dos gastos militares russos pode ter alcançado o equivalente a US\$ 461,6 bilhões em 2024 (McGerty e Dewey 2025).

A capacidade produtiva russa de equipamentos estratégicos aumentou substancialmente. De acordo com o General Christopher G. Cavoli, comandante do Comando Europeu dos Estados Unidos, os EUA estimam que a base industrial de defesa da Rússia teve um ritmo de produção de 1.500 tanques, 3 mil veículos blindados e 200 mísseis balísticos e de cruzeiro Iskander em 2025 (a inteligência ucraniana indica números maiores, de entre 60 e 70 Iskander-M por mês). Ademais, estima-se que a Rússia produza cerca de 250 mil projéteis de artilharia por mês, totalizando, somadas a munições reparadas, aproximadamente 4,5 milhões de projéteis ao ano (Cavoli 2025). E, de acordo com a empresa de consultoria Bain & Company, o custo médio do projétil de 152mm da Rússia é quatro vezes mais barato do que o projétil de 155mm padrão da OTAN (Haynes 2024). Outrossim, a inteligência militar ucraniana afere aumento de produção de mísseis hipersônicos Kinzhal, mísseis de cruzeiro Kalibr e mísseis antinavio Zircon (Post 2025). Por fim, dados da *United Aircraft Corporation* indicam um ritmo de produção constante de aeronaves modernas, espe-

cialmente do Su-34 Fullback, que é o principal caça de ataque tático russo (Bronk 2026).

Para circundar o assertivo regime de sanções e restrições de exportação dos EUA e de aliados europeus, a Rússia tem utilizado três métodos principais: substituição de importações, que preconiza a utilização de produtos nacionais equivalentes às opções tradicionalmente importadas; importação paralela, que refere-se à criação de uma ponte logística trilateral entre fontes tradicionais, países terceiros (especialmente da Ásia Central, Turquia e Emirados Árabes Unidos) e, por último, a Rússia; e, por fim, cooperação bilateral, que concerne parcerias com países específicos para angariar determinados produtos (como drones Shahed com o Irã e munições de artilharia e mísseis com a Coreia do Norte). A China foi a grande vencedora de tal dinâmica proibitiva, emergindo como a fonte principal de substituição de produtos de maior valor agregado, como máquinas para manufatura, semicondutores, equipamentos de telecomunicações, componentes aeroespaciais, dispositivos ópticos, radares e sensores (Gorenburg et al. 2024).

Em síntese, considera-se que a economia russa, em geral, e a base industrial de defesa, em particular, tem se mostrado resilientes frente a pressões exógenas. A estratégia vigente relaciona-se com o princípio do keynesianismo militar. No entanto, problemas estruturais acarretam questionamentos sobre a sustentabilidade de tal modelo em longo prazo. Questões como escassez de mão de obra em setores civis, diminuição de investimentos em áreas não relacionadas ao esforço de guerra, uso excessivo de reservas do fundo soberano e aumentos da dívida e da inflação (em produtos sensíveis, como alimentos), correspondem a adversidades de difícil mitigação. O desequilíbrio orçamentário, uma dificuldade fiscal crescente e uma taxa de juros elevada são fatores de instabilidade econômica interna (Buklemishev 2024). Apesar de tais desafios, considera-se que uma recessão prolongada não é provável no curto prazo, e que uma desaceleração na economia não deve implicar em desestabilização política, e, por consequência, em uma mudança de cálculo estratégico.

A partir da contextualização da correlação de forças e da capacidade de sustentação das demandas do conflito, argumenta-se que, após uma falha na estratégia militar inicial, modificações de planejamento ocasionaram com que a Rússia possua uma teoria de vitória factível, devido a possuir capacidades materiais suficientes para atingir seus objetivos estratégicos. Em contraste, infere-se que a Ucrânia está em uma posição de inferioridade, sem os meios necessários para atingir seus propósitos políticos. Com essa conclusão parcial em mente, a próxima seção detalhará os prognósticos das negociações de paz.

A COMPLEXIDADE DE UMA SAÍDA DIPLOMÁTICA: POSIÇÕES MAXIMALISTAS INCOMPATÍVEIS, INDISPOSIÇÃO A CONCESSÕES E O FATOR TRUMP

Logo após o início do conflito, nos primeiros meses de 2022, houve a primeira tentativa de engajamento diplomático visando ao fim das hostilidades. Intermediadas por Turquia, Belarus e Israel, essas conversas avançaram gradativamente até abril, quando se chegou a um consenso sobre a inviabilidade de um acordo (Charap e Radchenko 2024). Do ponto de vista russo, a estratégia era alavancar os impactantes ganhos iniciais no campo de batalha para forçar termos punitivos à Ucrânia. De acordo com documentos vazados, obtidos pelo projeto investigativo Systema, da *Radio Free Europe*, as demandas russas eram semelhantes às que Putin pleiteia atualmente. Datado de 7 de março de 2022 e intitulado “Tratado sobre a Resolução da Situação na Ucrânia e a Neutralidade da Ucrânia”, o documento previa cláusulas como a negação de adesão à OTAN, o reconhecimento da soberania russa sobre o Donbas e a Crimeia, e restrições às forças armadas de Kiev (como a limitação do exército em 50.000 homens bem como a mísseis com alcance superior a 250 quilômetros) (Surnacheva e Systema 2024).

Desde então, a posição negocial de ambos os atores se manteve relativamente inalterada. A Rússia demanda essencialmente três aspectos, correlacionados com geopolítica, segurança e economia. Com relação ao primeiro, Putin reivindica o reconhecimento internacional da soberania russa sobre a Crimeia, a totalidade do Donbas, e das partes ocupadas pela Rússia em Kherson e Zaporizhzhia — um ponto adicional em comparação aos termos propostos inicialmente, resultante das realidades do campo de batalha. No âmbito securitário, Putin requisita a neutralidade ucraniana, com ênfase em três pontos: não adesão à OTAN; nenhum acordo para garantias de segurança robustas dos parceiros ocidentais de Kiev; e uma limitação qualitativa e quantitativa das forças armadas ucranianas. Por fim, no tocante à esfera econômica, Putin solicita o levantamento das sanções internacionais e das restrições de exportação à Rússia, além da não utilização dos ativos russos congelados (TASS 2025). A Ucrânia, por sua vez, possui demandas antagônicas. Kiev reivindica o não reconhecimento da soberania russa sobre os territórios ocupados, por conta de ser ilegal perante o direito internacional. Além disso, pleiteia um forte apoio de seus parceiros ocidentais, idealmente com a adesão à OTAN, mas senão por meio de garantias de segurança assertivas (como no estilo do Artigo 5º da aliança transatlântica, de defesa coletiva), e rejeita restrições no tamanho ou em tipos de armamentos operados por suas forças armadas. No que concerne ao âmbito

econômico, solicita compensações para a recuperação de sua economia e reconstrução da sua infraestrutura. Devido à inflexibilidade de Moscou e Kiev quanto a seus termos negociais até o momento, a expectativa de uma saída diplomática recai sobre a capacidade de outros atores de exercerem influência ou pressão para mudar esse cenário, ou em decorrência de um contexto disruptivo no campo de batalha a favor de um dos beligerantes.

Apesar de proposições de Brasil e China sobre uma intermediação multilateral por atores neutros e de uma conferência de paz realizada na Suíça em julho de 2024, foi apenas em 2025 que a perspectiva diplomática voltou à tona de forma plausível. A eleição de Trump representou uma mudança de paradigma com relação à estratégia dos EUA para o conflito, de forma geral, e quanto às relações com Rússia e Ucrânia, de forma particular. Sob Biden, os EUA enfatizavam a justiça da causa ucraniana perante o direito internacional e a ilegalidade das ações da Rússia, classificando o conflito como uma luta de um membro do eixo das democracias contra um país revisionista, líder do eixo de autoritários. Trump tem uma visão completamente diferente. A perspectiva ideológica dá vez a um discernimento transacional das relações internacionais, sua relação interpessoal com Putin e Zelensky impacta fortemente na sua tomada de decisão, e sua visão de mundo avaliza a noção de espaços privilegiados de grandes potências em seus entornos regionais. Tais características inferem que a posição dos EUA careça de previsibilidade, com o temperamento e as idiossincrasias de Trump acrescentando volatilidade ao processo negocial (Zadorozhnyy 2025).

Para além da perspectiva retórica, a postura disruptiva de Trump tem impactado a balança de forças de forma negativa aos interesses ucranianos. O apoio securitário por meio de transferência de armamentos diminuiu substancialmente em comparação ao governo Biden. Em 16 de setembro de 2025, Trump autorizou pela primeira vez o envio de armas por intermédio de um novo formato, chamado Lista de Requisitos Priorizados da Ucrânia, no qual os países europeus se comprometem a pagar diretamente para os EUA e depois a ceder os armamentos a Kiev (Landay e Stone 2025). Até então, Trump havia apenas dado seguimento em acordos de assistência à Ucrânia autorizados durante o governo anterior, que serão finalizados ao longo de 2026.

Com relação a sanções econômicas, similarmente, a postura de Trump é ambivalente. Ao passo que nenhuma das sanções autorizadas pelo governo Biden foram demovidas,³ Trump estava reticente em aplicar novas medidas econômicas punitivas. Tal cenário mudou em 22 de outubro de 2025, quando Trump impôs sanções nas duas principais petrolíferas russas, Rosneft e Lukoil, que, em conjunto, representam cerca da metade das exportações de

petróleo do país (Sebastian 2025). Tal movimento teve impacto imediato, ocasionando reduções substanciais no preço do petróleo bruto *Urals* e acarretando diminuição nas receitas das exportações russas de commodities energéticas, que registraram em dezembro de 2025 o segundo menor valor mensal desde a invasão em 2022 (Raghunandan, Katinas e Wickenden 2026). A chave para a efetividade de tais medidas é a rigorosidade da garantia do cumprimento, com um ponto crucial sendo a possibilidade de aplicação de sanções secundárias. A Índia foi o único país a receber tal punição, com seu patamar tarifário recíproco de 25% aumentado para 50% devido a contínuas compras de petróleo bruto russo, que posteriormente é refinado e revendido internacionalmente. No entanto, negociações entre Delhi e Washington sobre um acordo econômico de grande escopo resultaram em um recuo sobre tal penalidade (Bajpae 2026).

Após inúmeros contatos telefônicos e discussões de intermediários, Trump e Putin se encontraram no Alaska para uma cúpula bilateral em 15 de agosto de 2025. Apesar da grande expectativa, nenhum resultado foi obtido, com seu simbolismo superando a substância. Putin se recusou a acatar um cessar-fogo e não concordou com concessões em suas demandas maximalistas. Além disso, saiu com uma vitória performática, com sua liderança legitimada por Trump, em detrimento da estratégia europeia que preconiza isolamento.

No final de novembro de 2025, uma nova tentativa negocial foi explorada, intermediada pelos EUA, com base em um plano de 28 pontos. De autoria inicialmente contestada, pois pendulava veementemente para os interesses russos, foi posteriormente confirmada por Marco Rubio como uma proposta americana que partia de uma posição intermediária, mas realista. O texto previa cláusulas condizentes com demandas centrais de Moscou, como a negação da adesão ucraniana à OTAN, o reconhecimento da soberania russa sobre a Crimeia, o Donbas e os territórios ocupados em Zaporizhzhia e Kherson, e garantias de segurança medíocres a Kiev. Além disso, Moscou receberia um convite para retornar ao G-8, as sanções seriam gradualmente revogadas, e as autoridades envolvidas no conflito receberiam anistia. Kiev manteria o direito de adesão à União Europeia, acataria uma limitação quantitativa de até 600 mil militares em seu exército e receberia um apoio econômico para a reconstrução de sua infraestrutura, financiado em parte por 100 bilhões de dólares dos ativos russos congelados (Ravid et al. 2025).

Kiev buscou trabalhar com seus parceiros europeus na confecção de um plano alternativo, condicionando certas cláusulas mais favoravelmente a seus interesses. Três mudanças substanciais foram especificadas em um plano de 20 pontos apresentado por Zelensky: o aumento do limite

quantitativo nas forças armadas ucranianas para 800 mil militares; delimitações territoriais baseadas na linha de contato; e, principalmente, a provisão de garantias de segurança robustas, tanto dos EUA quanto de parceiros europeus, formalizadas pelo Congresso americano e pelos parlamentos nacionais dos demais envolvidos. Tais garantias seriam a condição basilar para a suspensão da lei marcial na Ucrânia e a realização de eleições (Denisova e Sorokin 2025). No entanto, tais demandas foram rejeitadas pela Rússia. Novamente, portanto, chegou-se a um impasse. Reuniões trilaterais de alto nível entre Rússia, Ucrânia e Estados Unidos, como a realizada em Abu Dhabi no final de janeiro de 2026, e medidas parcimoniosas para desescalar a guerra — como um cessar-fogo à infraestrutura energética — podem representar um ponto de partida para angariar maior eficiência nas negociações.

CONCLUSÃO

Em conclusão, argumenta-se que a correlação entre os objetivos estratégicos de Rússia e Ucrânia com as dinâmicas militares e com os prognósticos das negociações indicam um cenário de dificuldade de assinatura de um cessar fogo no curto prazo. Tal improbabilidade decorre do fato de que Moscou ainda não conseguiu atingir seus objetivos territoriais, especialmente a captura completa do Donbas. No entanto, mantém a iniciativa, possui primazia na balança de forças e tem uma base industrial de defesa capaz de suprir as demandas de suas ações militares. Portanto, o contexto para 2026 é condizente com avanços territoriais subsequentes.

Vale mencionar que avanços territoriais não são lineares em uma guerra de atrito, mas consequência do estágio de degradação cumulativa dos beligerantes. Em 2025, a Rússia obteve as maiores progressões no terreno desde 2022 (5.600 quilômetros quadrados), superando os ganhos de 2023 e 2024 somados, apesar de perdas materiais e humanas substanciais (Institute for the Study of War 2025b). Entretanto, as forças armadas ucranianas não estão em vias de dissolução, com posições defensivas fortificadas em áreas estratégicas e ainda em condições de realizar contra-ataques localizados para atrasar e atritar as forças russas. Infere-se, portanto, um cenário de avanço territorial semelhante ao de 2025 para 2026, com dois focos prioritários para ofensivas russas: a tentativa de completar a captura de Donetsk, onde estão o cerne das defesas ucranianas; ou avanços nos flancos, nos *oblasts* de Kharviv, Dnipropetrovsk e Zaporizhzhia, onde as posições defensivas são mais limitadas, objetivando alargar o fronte e expandir seu poder de barganha negocial.

A formalização de um acordo de paz robusto é mais complexa ainda, pois demandaria concessões relevantes, que ambos estão reticentes a fazer. Putin entende que possui primazia no campo de batalha e está disposto a arcar com os custos necessários para atingir seus objetivos pela via militar. Zelensky aquiesce que está em desvantagem, mas não concorda com a concessão do Donbas pela via negocial, o que poderia ser a chave para um acordo para o fim das hostilidades a curto prazo. Com relação às garantias de segurança, Trump tem sido ambivalente quanto à participação dos EUA, incrementando imprevisibilidade a uma questão que demanda solidez jurídica e política. França e Reino Unido, promotores da “Coalizão dos Dispostos”, indicaram a intenção de enviar tropas para uma força multinacional dissuasória. A Rússia, todavia, afirma que consideraria tais efetivos alvos legítimos, refletindo a complexidade de tal temática. Portanto, constata-se um impasse de difícil superação.

Com relação aos impactos exógenos, que impactam no cálculo político de Putin e Zelensky, argumenta-se que a Rússia está mais bem postada. Os EUA têm gradativamente se distanciado de um papel central na ajuda militar e econômica a Kiev. A argumentação liberal de Biden deu lugar a uma visão transnacional, que prioriza ganhos políticos e econômicos — como simbolizado pela condicionalidade americana de assinatura de um acordo sobre terras raras com Kiev e pela ideia de “paz por negócios” com Moscou — em detrimento de uma posição ideológica. Putin também aparenta ter uma capacidade eficiente de articulação política com Trump. Além disso, a estratégia de segurança nacional dos EUA sob Trump é focada em dois pontos: conter a China no Leste Asiático e em projetar poder na esfera de influência regional/hemisférica, como exemplificado pelas ações contra a Venezuela e pela postura frente ao Canadá e à Groenlândia (The White House 2025). Ademais, o conflito no Irã representa outra alocação de prioridade, impactando tanto politicamente, renovando o engajamento dos EUA no Oriente Médio em detrimento da Europa, quanto materialmente, resultando em menor capacidade de transferência de armamentos para a Ucrânia (como munições para o sistema Patriot).

Uma linha de argumentação alternativa sugere uma potencial estratégia de Washington de realizar um “Kissinger reverso”. Tal argumento hipotetiza que a aparente leniência de Trump perante a Rússia decorre do objetivo de enfraquecer o alinhamento sino-russo sob uma lógica de equilíbrio de poder, similar à diplomacia triangular de Nixon-Kissinger com relação à China no contexto da disputa dos EUA e da União Soviética na Guerra Fria. Entretanto, é uma ideia de difícil execução e improvável de ter sucesso, pois, ao contrário do contexto de divisão decorrente do

cisma sino-soviético (exemplificada por rivalidade ideológica e confrontos fronteiriços), atualmente Pequim e Moscou possuem uma aliança sólida alicerçada na oposição à unipolaridade, na defesa da multipolaridade e em robustas relações econômicas e institucionais (Hughes e Leoni 2025). Todavia, um ponto interessante sobre tal lógica e a Guerra na Ucrânia é que Putin pode utilizá-la como pretexto para cultivar desavenças na aliança transatlântica.

A Europa mantém-se coesa no discurso e na prática em defesa da causa ucraniana, mas possui limites em sua capacidade de articulação e impacto. O plano ReArm Europe/Readiness 2030, que preconiza investimentos de até 800 bilhões de dólares nos próximos cinco anos visando a fomentar a base industrial de defesa do bloco, é uma opção interessante para alavancar suas capacidades materiais em um contexto de recuo dos EUA na ajuda militar à Ucrânia. Além disso, as adesões de Finlândia e Suécia à OTAN, em 2023 e 2024, respectivamente, impactaram negativamente na capacidade russa de projetar poder no Mar Báltico e diminuíram sutilmente o efeito geopolítico do corredor de Suwalki, devido à proximidade geográfica dos dois países nórdicos com os bálticos, facilitando apoio logístico (Mishra 2024). Entretanto, problemas internos estruturais, como desaceleração econômica, perda de produtividade industrial, aumento dos custos energéticos, críticas ao arranjo institucional da União Europeia e proliferação de partidos políticos de extrema-direita pelo continente, são entraves para a capacidade europeia de sustentar uma resposta conjunta ativa, eficiente e de longo prazo com relação à ajuda a Kiev e à confrontação com Moscou.

Em contrapartida, a Guerra na Ucrânia incrementou o alinhamento estratégico sino-russo. A Índia tem mantido relações pragmáticas com a Rússia durante o conflito e, mesmo sob pressão dos EUA, não aparenta mudar radicalmente sua postura. Outros atores relevantes, como Brasil, Turquia, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos e grande parte dos países africanos, latino-americanos e asiáticos, também optaram por uma posição de neutralidade e pragmatismo, se distanciando de perspectivas morais e priorizando interesses materiais objetivos. Em síntese, argumenta-se que o saldo das reverberações de caráter político-estratégico da Guerra na Ucrânia vai ao encontro dos interesses de Moscou, e é central para a crescente consolidação da Multipolaridade Instável (Visentini 2025).

Infelizmente, por conseguinte, a partir do cenário vigente, infere-se maiores probabilidades de que o conflito prossiga no curto prazo, com as dinâmicas militares e geopolíticas emanadas dos desdobramentos no campo de batalha, delimitando a força negocial de cada ator.

REFERÊNCIAS

Adams, Paul e Jaroslav Lukiv. 2025. “Ukraine Drones Strike Bombers during Major Attack in Russia.” *BBC News* (Junho). www.bbc.com/news/articles/c11-d7ppre9vo.

Bajpae, Chietigj. 2026. “Despite Reset in India–US Relations, New Delhi Retains Commitment to Strategic Hedging.” *Chatham House* (Fevereiro). www.chathamhouse.org/2026/02/despite-reset-india-us-relations-new-delhi-retains-commitment-strategic-hedging.

Bergmann, Max e Maria Snegovaya. 2025. *Russia’s War in Ukraine: The Next Chapter*. CSIS Briefs. Center for Strategic and International Studies (Setembro). www.csis.org/analysis/russias-war-ukraine-next-chapter.

Boot, Max. 2024. “Weapons of War: The Race Between Russia and Ukraine.” *Council on Foreign Relations* (Abril). www.cfr.org/expert-brief/weapons-war-race-between-russia-and-ukraine.

Bronk, Justin. 2026. “The Evolution of Russian and Chinese Air Power Threats.” *Royal United Services Institute*. Insights Papers (Janeiro). www.rusi.org/explore-our-research/publications/insights-papers/evolution-russian-and-chinese-air-power-threats.

Buklemishev, Oleg V. 2024. “Russian Economic Development under Forceful Defense Spending Growth.” *Russian Journal of Economics* 10, no. 4: 319–31. doi. org/10.32609/j.ruje.10.141382.

Cavoli, Christopher G. 2025. “Statement of General Christopher G. Cavoli, U.S. Army, United States European Command.” *United States Senate — Armed Services Committee* (Abril). www.armed-services.senate.gov/imo/media/doc/general_cavoli_opening_statements.pdf.

Charap, Samuel and Sergey Radchenko. 2024. “The Talks That Could Have Ended the War in Ukraine.” *Foreign Affairs* (Abril). www.foreignaffairs.com/ukraine/talks-could-have-ended-war-ukraine.

Clapp, Sebastian, Martin Höflmayer, Elena Lazarou e Marianna Pari. 2025. *ReArm Europe Plan / Readiness 2030*. European Parliamentary Research Service (EPRS) (Abril). [www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/BRIE/2025/769566/EPRS_BRI\(2025\)769566_EN.pdf](http://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/BRIE/2025/769566/EPRS_BRI(2025)769566_EN.pdf).

Collins, Liam, Michael Kofman e John Spencer. 2023. “The Battle of Hostomel Airport: A Key Moment in Russia’s Defeat in Kyiv.” *War on the Rocks* (Agosto).

warontherocks.com/2023/08/the-battle-of-hostomel-airport-a-key-moment-in-russias-defeat-in-kyiv/.

Cooper, Julian. 2025. "Preparing for a Fourth Year of War: Military Spending in Russia's Budget for 2025." *SIPRI Insights on Peace and Security* (Abril). www.sipri.org/sites/default/files/2025-04/preparing_for_a_fourth_year_of_war-military_spending_in_russias_budget_for_2025_1.pdf.

Cranny-Evans, Sam. 2025. "In-Depth Briefing #86: From Mass to Mass-Precision." *Centre for Historical Analysis and Conflict Research* (Janeiro). chacr.org.uk/2025/01/23/in-depth-briefing-86-from-mass-to-mass-precision/.

Denisova, Kateryna e Oleksiy Sorokin. 2025. "Zelensky Reveals Full 20-Point Peace Plan Draft Backed by Ukraine, US." *The Kyiv Independent* (Dezembro). kyivindependent.com/zelensky-reveals-20-point-peace-plan-draft-backed-by-ukraine-us/.

Fornusek, Martin. 2025. "Nearly 700,000 Russian Military Personnel Deployed in Ukraine, Intelligence Says." *The Kyiv Independent* (Setembro). kyivindependent.com/nearly-700-000-russian-military-personnel-deployed-in-ukraine-intelligence-says/.

Fox, Amos C. 2024. "Setting the Record Straight on Attrition." *War on the Rocks* (Janeiro). warontherocks.com/2024/01/setting-the-record-straight-on-attrition/.

Frontelligence Insight. 2025. "Inside Ukraine's Desertion Crisis: Analysis and Numbers." *Frontelligence Insight* (Novembro). frontelligence.substack.com/p/inside-ukraines-desertion-crisis-928.

Gady, Franz-Stefan e Michael Kofman. 2024. "Making Attrition Work: A Viable Theory of Victory for Ukraine." *Survival: Global Politics and Strategy* 66, no. 1: 7–24. doi.org/10.1080/00396338.2024.2309068.

Gorenburg, Dmitry, Natasha Hixson, Thomas Loh, Matthew McGurk e Peter Shapley. 2024. *Crafting the Russian War Economy: The Effects of Export Controls on Russia's Defense Industrial Production*. Center for Naval Analyses (Outubro). www.cna.org/analyses/2024/10/crafting-the-russian-war-economy.

Götz, Elias e Per Ekman. 2024. "Russia's War against Ukraine: Context, Causes, and Consequences." *Problems of Post-Communism* 71, no. 3: 193–205. doi.org/10.1080/10758216.2024.2343640.

Green, James A., Christian Henderson e Tom Ruys. 2022. "Russia's Attack on Ukraine and the Jus Ad Bellum." *Journal on the Use of Force and International Law* 9, no. 1: 1–27. doi.org/10.1080/20531702.2022.2056803.

Haynes, Deborah. 2024. "Russia Is Producing Artillery Shells around Three Times Faster than Ukraine's Western Allies and for about a Quarter of the Cost." *Sky News* (Maio). news.sky.com/story/russia-is-producing-artillery-shells-around-three-times-faster-than-ukraines-western-allies-and-for-about-a-quarter-of-the-cost-13143224.

Hughes, Geraint e Zeno Leoni. 2025. "A 'Reverse Kissinger'? Why Trump's Anti-China Rapprochement with Russia Is Likely to Fail." *Survival: Global Politics and Strategy* 67, no. 4: 147–60. doi.org/10.1080/00396338.2025.2534291.

Institute for the Study of War. 2025a. "Russian Offensive Campaign Assessment, August 30, 2025." *Institute for the Study of War* (Agosto). understandingwar.org/research/russia-ukraine/russian-offensive-campaign-assessment-august-30-2025/.

Institute for the Study of War. 2025b. "Russian Offensive Campaign Assessment, December 31, 2025." *Institute for the Study of War*, 31 de dezembro. <https://understandingwar.org/research/russia-ukraine/russian-offensive-campaign-assessment-december-31-2025/>.

Institute for the Study of War. 2025c. "The Critical Importance of Ukraine's Fortress Belt in Donetsk Oblast." *Institute for the Study of War* (Agosto). understandingwar.org/research/russia-ukraine/the-critical-importance-of-ukraines-fortress-belt-in-donetsk-oblast/.

Jones, Seth G. e Riley McCabe. 2026. "Russia's Grinding War in Ukraine." *Center for Strategic and International Studies* (Janeiro). www.csis.org/analysis/russias-grinding-war-ukraine.

Kirichenko, David. 2025. "Fibre-Optic Drones Reshape Ukraine's Technological War." *Lowy Institute* (Agosto). www.lowyinstitute.org/the-interpreter/fibre-optic-drones-reshape-ukraine-s-technological-war.

Landay, Jonathan e Mike Stone. 2025. "Trump Administration Clears First Ukraine Arms Aid Paid by Allies, Sources Say." *Reuters* (Setembro). www.reuters.com/business/aerospace-defense/trump-administration-clears-first-ukraine-arms-aid-paid-by-allies-sources-say-2025-09-16/.

McGerty, Fenella e Karl Dewey. 2025. "Global Defence Spending Soars to New High." *International Institute for Strategic Studies* (Fevereiro). www.iiss.org/online-analysis/military-balance/2025/02/global-defence-spending-soars-to-new-high/.

Mearsheimer, John J. 2022. "The Causes and Consequences of the Ukraine Crisis." *The National Interest* (Junho). nationalinterest.org/feature/causes-and-consequences-ukraine-crisis-203182.

Mearsheimer, John J. 2014. “Why the Ukraine Crisis Is the West’s Fault.” *Foreign Affairs* (Agosto). www.foreignaffairs.com/articles/russia-fsu/2014-08-18/why-ukraine-crisis-west-s-fault.

Melvin, Neil. 2022. “Nationalist and Imperial Thinking Define Putin’s Vision for Russia.” *Royal United Services Institute (RUSI)* (Março). www.rusi.org/explore-our-research/publications/commentary/nationalist-and-imperial-thinking-define-putins-vision-russia.

Mielniczuk, Fabiano. 2006. “Identidade como Fonte de Conflito: Ucrânia e Rússia no Pós-URSS.” *Contexto Internacional* 28, no. 2: 103–24. www.scielo.br/j/cint/a/5KxWrYnRR4XNzqqhwxKyDkB/.

Mills, Claire. 2025. *Military Assistance to Ukraine (February 2022 to January 2025)*. Research Briefing, no. CBP-9477. *House of Commons Library* (Janeiro). commonslibrary.parliament.uk/research-briefings/cbp-9477/.

Mishra, Rupal. 2024. “Implications of Sweden’s NATO Membership for Russia and the Baltic Region.” *Australian Institute of International Affairs — Australian Outlook* (Abril). www.internationalaffairs.org.au/australianoutlook/implications-of-swedens-nato-membership-for-russia-and-the-baltic-region/.

Newdick, Thomas e Howard Altman. 2025. “F-16s Pulled from U.S. Boneyard Are Being Delivered to Ukraine for Spare Parts.” *The War Zone* (Maio). www.twz.com/air/f-16s-pulled-from-u-s-boneyard-are-being-delivered-to-ukraine-for-spare-parts”.

North Atlantic Treaty Organization. 2002. “NATO-Ukraine Action Plan.” (Novembro). www.nato.int/en/about-us/official-texts-and-resources/official-texts/2002/11/22/nato-ukraine-action-plan.

Person, Robert e Michael McFaul. 2022. “What Putin Fears Most.” *Journal of Democracy* 33, no. 2: 18–27. doi.org/10.1353/jod.2022.0015.

Post, Kollen. 2025. “Russia’s Ballistic Missile Production up at Least 66% over Past Year, According to Ukrainian Intel Figures.” *The Kyiv Independent* (Junho). kyivindependent.com/exclusive-russias-ballistic-missile-production-up-at-least-66-over-past-year-according-to-ukrainian-intel-figures/.

President of the Russian Federation. 2000. “National Security Concept of the Russian Federation.” www.bits.de/EURA/natsecconc.pdf.

President of Ukraine. 2021. “Joint Statement on the U.S.-Ukraine Strategic Partnership.” (Setembro). www.president.gov.ua/en/news/spilna-zayava-shodo-strategichnogo-partnerstva-ukrayini-ta-s-70485.

Putin, Vladimir. 2007. “Speech and the Following Discussion at the Munich Conference on Security Policy.” Munich Security Conference (Fevereiro). www.securityconference.org/en/publications/books/selected-key-speeches-volume-i/2000-2009/speech-vladimir-putin-2007/.

Raghunandan, Vaibhav, Petras Katinas e Luke Wickenden. 2026. “December 2025 — Monthly Analysis of Russian Fossil Fuel Exports and Sanctions.” *Centre for Research on Energy and Clean Air* (Janeiro). energyandcleanair.org/december-2025-monthly-analysis-of-russian-fossil-fuel-exports-and-sanctions/.

Ravid, Barak, Dave Lawler, Marc Caputo e Colin Demarest. 2025. “How Trump’s 28-Point Plan for Ukraine Shocked the World.” *Axios* (Novembro). www.axios.com/2025/11/24/trump-ukraine-plan-28-points-back-story.

Rochan Consulting. 2026. “Russian Strikes on Ukrainian Energy CI — Trends and Outlook.” *Rochan Consulting*. rochan-consulting.com/russian-strikes-on-ukrainian-energy-ci-trends-and-outlook/.

Sebastian, Clare. 2025. “Trump’s Sanctions Target Russian ‘War ATM,’ but the Real Test Is Enforcement.” *CNN Business* (Outubro). edition.cnn.com/2025/10/23/business/analysis-trump-sanctions-russian-war-machine-latam-intl.

Shyrokykh, Karina. 2018. “The Evolution of the Foreign Policy of Ukraine: External Actors and Domestic Factors.” *Problems of Post-Communism* 65, no. 3: 1–15. www.jstor.org/stable/26594095.

Surnacheva, Yelizaveta e Systema. 2024. “Early Peace Plan Shows Russia’s Intent to Neutralize Ukraine.” *Radio Free Europe/Radio Liberty* (RFE/RL) (Novembro). www.rferl.org/a/russia-ukraine-peace-deal-putin-draft-treaty/33183664.html.

TASS. 2025. “Ukrainian Conflict Can Be Settled If All Root Causes Are Eliminated — Lavrov.” *TASS* (Junho). tass.com/politics/1980869.

Terajima, Asami. 2025a. “Inside Ukraine’s Desperate Race to Train More Soldiers.” *The Kyiv Independent* (Abril). kyivindependent.com/inside-ukraines-desperate-race-to-train-more-soldiers/.

Terajima, Asami. 2025b. “The Rise and Fall of Ukraine’s Kursk Gambit.” *The Kyiv Independent* (Abril). kyivindependent.com/the-rise-and-fall-of-ukraines-kursk-gambit/.

The White House. 2025. *2025 National Security Strategy* (Novembro). www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2025/12/2025-National-Security-Strategy.pdf.

United States Department of State, 2008. “Nyet Means Nyet: Russia’s NATO Enlargement Redlines.” Cable 08MOSCOW265, U.S. Embassy Moscow (Fevereiro). wikileaks.org/plusd/cables/08MOSCOW265_a.html.

Vigers, Benedict. 2025. “Ukrainian Support for War Effort Collapses.” *Gallup* (Agosto). news.gallup.com/poll/693203/ukrainian-support-war-effort-collapses.aspx.

Visentini, Paulo Fagundes. 2025. “A Multipolaridade Instável: Construindo um Conceito da Transição Sistêmica e Suas Alianças Fluidas.” *Revista de Segurança, Desenvolvimento e Defesa* 2, no. 1: 173–83. rsdd.esd.gov.br/index.php/rsdd/article/view/64.

Zadorozhnyy, Tim. 2025. “Trump’s War Mediation: 8 Months of Shifting between Ukraine, Russia.” *The Kyiv Independent* (Outubro). www.kyivindependent.com/trumps-war-mediation-circle-8-months-of-shifting-between-ukraine-russia/.

CARTAS SOBRE A MESA: A CORRELAÇÃO DE FORÇAS, AS NEGOCIAÇÕES DE PAZ, E O FUTURO DA GUERRA NA UCRÂNIA

RESUMO

Este artigo propõe uma análise de conjuntura do conflito russo-ucraniano, que chega em 2026 ao seu quinto ano. Propõe-se responder à seguinte pergunta: qual é o prognóstico de curto prazo para o término da guerra na Ucrânia, considerando a correlação de forças entre os beligerantes, seus objetivos estratégicos e o estado das negociações diplomáticas? Compreendendo a guerra como um meio para atingir fins políticos, argumenta-se que a Rússia possui uma teoria de vitória factível, enquanto a Ucrânia encontra-se em uma posição de crescente dificuldade. A correlação militar indica vantagens russas em domínios centrais de uma guerra de atrito: capital humano, artilharia, poder aéreo e uma base industrial de defesa capaz de sustentar as demandas do campo de batalha. Por ainda não ter conseguido atingir tais objetivos, Putin tem incentivos para manter seu curso de ação e não acatar um cessar-fogo. Do ponto de vista negocial, Kiev encontra-se em uma posição de barganha enfraquecida devido a reverses no campo de batalha e à pressão externa, especialmente dos Estados Unidos. No entanto, considera-se que um acordo de paz no curto prazo é improvável, devido às posições maximalistas e incompatíveis de ambos os atores, somadas à desconfiança e à relutância em realizarem concessões.

Palavras-chave: Guerra Russo-Ucraniana; Correlação de Forças Militares; Negociações de Paz.

ABSTRACT

This article provides a current assessment of the Russo-Ukrainian conflict, which in 2026 reaches its fifth year. It seeks to answer the following question: what is the short-term prognosis regarding the end of the war in Ukraine, considering the balance of forces between the belligerents, their strategic objectives, and the state of diplomatic negotiations? Conceiving war as a means to achieve political ends, it is contended that Russia possesses a feasible theory of victory, while Ukraine finds itself in an increasingly difficult position. The observed military balance indicates Russian advantages in key domains of attritional warfare: manpower, artillery, air power, and a defense industrial base capable of sustaining battlefield demands. Having not yet achieved these objectives, Putin retains incentives to maintain his current course of action and to reject a ceasefire. From a negotiating standpoint, Kyiv faces a weakened bargaining position due to battlefield setbacks and significant external pressure, particularly from the United States. Nevertheless, a peace agreement in the short term is considered unlikely, given the maximalist and incompatible positions of both actors, reinforced by mutual distrust and a reluctance to make substantial concessions.

Keywords: Russo-Ukrainian War; Military Balance of Power; Peace Negotiations.

Recebido em 05/02/2026. Aceito para publicação em 31/05/2026.

NOTAS

1. Tal terminologia serviu a funções internas e externas. Primeiro, como um enquadramento jurídico internacional para evadir alegações de ilegalidade da ação militar com base na Carta da ONU, arguindo legítima defesa para proteger russófonos no Dombas. E segundo, como um artifício de gestão interna, postulando a operação como limitada, defensiva e que não exigiria mobilização militar, econômica e social mais ampla. Todavia, tal enquadramento não se sustentou em nenhum dos níveis. A guerra foi classificada como agressão não justificada segundo o *jus ad bellum*, e a Rússia se viu rapidamente obrigada a incrementar sua extração de recursos internos, realizando uma mobilização parcial e condicionando sua economia às demandas do conflito (Green, Henderson e Ruys 2022).
2. Termo de línguas eslavas utilizado para referenciar divisões territoriais administrativas. Pode ser traduzida como “região” ou “província”.
3. Sob o contexto da guerra dos EUA com o Irã, Washington flexibilizou sanções enérgicas à Rússia para estabilizar o aumento dos preços do petróleo.